

Em busca do ouro

Extratativismo individual dá lugar às mineradoras

ABNOR GONDIM
Correspondente em Belém

Acabou o sonho da fortuna fácil nos garimpos da Amazônia. Saudada no início dos anos 80 como a salvação do país para pagar sua dívida externa, a garimpagem está agora sob fogo cruzado e com ritmo decadente. Pressões a favor da ecologia, fatores econômicos e até repressão policial deixaram o garimpeiro em uma encruzilhada, até porque ele não conta mais com o apoio do governo federal, o seu principal incentivador na década passada.

"A garimpagem entrou no seu estágio terminal", afirma o diretor da Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração do Pará, Rogério Silva, 41. Segundo ele, cresce a cada ano a produção industrial mineral ao mesmo tempo em que aumentam as dificuldades do garimpo.

A causa principal é o aumento do custo dos insumos do garimpo (óleo diesel e gasolina de avião) em contrapartida com a queda do preço do ouro. De 80 a 83, cada grama de ouro valia US\$ 25 e nos últimos dois anos o valor tem oscilado em torno de US\$ 10. "Ninguém mais pode investir sem ter a certeza de que vai lucrar", afirma Rogério Silva.

O técnico em telecomunicações Haroldo Pedrele, 35, há cinco anos na maior zona garimpeira do país, o Tapajós, acha que o garimpo está com os dias contados. "Antes nós tínhamos 150 aviões em Itaituba (PA), que era o maior aeroporto em pousos e decolagens do mundo, e hoje não temos nem 50 aviões", afirma.

Na década de 80, os garimpos da região produziram 242 das 348 toneladas da produção oficial do Brasil. Mas para a próxima década a produção deve ficar abaixo de 100 toneladas.

A previsão consta no trabalho elaborado pela União dos Sindicatos, Cooperativas e Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal). A entidade é uma espécie de CUT dos garimpeiros na Amazônia, criada por José Altino Machado, liderança dos garimpeiros em Roraima. De acordo com o trabalho da Usagal, a atividade "ainda perdurará uns

20 anos, mas a tendência é ser substituída por empresas de mineração".

Responsável pelo Levantamento Nacional dos Garimpeiros, feito pelo Departamento Nacional de Produção Mineral, Paulo Brandão Juhazs, 41, aponta que a pesquisa levantou apenas 220 mil garimpeiros, em 90, contra cerca de 400 mil estimados em 89.

Em trabalho intitulado "A Amazônia e a Saga Aurífera no século 20", a Usagal responsabiliza o governo federal por ter levado os garimpeiros a "uma ocupação desordenada". Tudo porque, segundo o documento, "o Brasil se encontrava em 80 sem reservas cambiais para importar petróleo cuja conta era paga à vista".

Assim, segundo a Usagal, o governo investiu fundo na produção de ouro pelos garimpeiros: Administrou Serra Pelada, encheu a cava principal com mais de 80 mil homens, em 1983, e instalou escritórios da Caixa Econômica Federal para comprar o minério em Cumaru (sudeste do Pará); construiu 200 km de estradas para garimpeiros no Tapajós (sudoeste do Estado) e até invadiu a reserva dos índios caiapós, também no sudeste do Pará, para comprar ouro em Maria Bonita.

Depois de incentivar a atividade, recrutando mão de obra do Nordeste e do Sul, o garimpo ficou entregue a sua própria sorte na Amazônia, de acordo com a Usagal. O dado mais forte sobre esse abandono apontado pela entidade são os mais de 500 mil casos de malária na região, afetando principalmente as áreas garimpeiras. Uma dessas áreas, Ariquemes (RO), é campeã mundial da malária.

"Os números do Censo do DNPM são tendenciosos", afirmou José Altino Machado, 48, presidente do conselho da Usagal. O levantamento da entidade discorda da pesquisa do DNPM e afirma que os garimpeiros representam uma força formada por 1 milhão de homens, 750 aviões, 10 mil pequenos barcos e canoas motorizadas, 25 mil equipamentos de produção, 20 helicópteros e 1.100 pistas de pouso.